

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

MAR/97

69

Através de meia duzia de indicações succintas, adivinhámos todas as complicações que lhe passam pela memoria. Livros de escripturação, inexistentes; ausencia de archivo; ausencia de cadernetas de alumnos, que trabalham nas officinas; contribuições de alumnos contribuintes que não constam no livro-caixa.

E sentimos que o director do Instituto de Surdos-Mudos só é levado a essa confissão synthetica, para nos poder justificar a nomeação de uma commissão de syndicancia que, por sua soliticação, está funcionando no estabelecimento.

O dr. Armando Lacerda deseja, e é um desejo bem intencionado e justissimo, que fique bem esclarecido em que situação veio ter ás suas mãos o Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

Um Estabelecimento que Parece Grande

A confissão termina como um prologo. Ha um certo constrangimento naquella ampla sala presidida pelo retrato de Tobias Leite. Estamos ambos constrangidos: quem falou e quem ouviu. Parece que ao mesmo tempo sentimos a mesma coisa: a tristeza das bellas coisas que deixaram de ser feitas...

E ao mesmo tempo nos levantamos, como para passar do desgosto á esperanza,

mudando de attitude.

Na varanda, o photographo, que já conhece a casa, diz: "E' por aqui..."

E, então, o dr. Armando Lacerda nos diz, devagar, como quem soffre por ver seu ideal limitado:

– "O Instituto de Surdos-Mudos, como vê, occupa sómente a ala esquerda deste predio. Quem passa pela rua, olha para este edificio tão grande e pensa, de certo, que estamos muito bem installados. Mas não é verdade. Aqui funcionan tambem o Juizo de Menores, a Policia de Focos do 1º districto, a commissão Rondon..."

– Mas, continuarão ainda a funcionar?

– Não.

E explica-nos que já officiou ao Ministro da Educação, nesse sentido, e frisa-nos, baixando mais a voz, que o dr. Francisco de Campos tem manifestado a maior bôa vontade pelo Instituto de Surdos-Mudos e que delle espera, realmente, a comprehensão da obra que pretende realizar, e cujo plano já lhe apresentou.

Doze Crianças Vestidas de Azul

E' assim com esse rythmo de quem vae realizar uma obra em que põe toda a sua esperanza, e de quem tem confiança no idealismo verdadeiro dos homens da Revolução, que o dr. Armando Lacerda nos conduz pela ala esquerda do edificio.

Ha uma larga escada, que

vae ao segundo pavimento. Sob essa escada, longos bancos de madeira. E, de um lado para o outro, espreitando curiosas, gesticulando, rindo, encolhendo-se com desconfiança pelos cantos, ou olhando passivamente ao acaso, umas doze crianças vestidas de mescla azul, nos apparecem, com essa estranha physionomia dos que não ouvem e não falam, e que nos dão a impressão de os podermos, de repente, desencantar...

Vamos recebendo instrucções sobre a sua mimica.

Um bate no meio da testa, comunicando-se com o companheiro.

– Está indicando que eu sou o director, diz-nos o dr. Armando Lacerda.

Outro, junta todos os dedos e abre-os depois no ar, imitando uma explosão. Refere-se ao magnesio da photographia. A certeza de que vão ser photographados enche-os de alegria. Endireitam a roupa, abotoam a golla, tomam, mesmo, attitudes de certa importancia, e divertem-se muito com todos esses preparativos.

Pela primeira vez nos encontramos deante de tantos surdos-mudos. Passa-nos pela cabeça um mundo de coisas varias. Todo o mysterio do pensamento daquellas crianças perturba-nos. Lembramos esse milagre das communições entre o nosso espirito e o ambiente. Occorre-nos o velho aphorismo: "Nada existe no pensamento que não tenha

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

MAR/97

68



(Exclusividade da
"Página de Educação")

Publicamos, neste espaço, uma reportagem de uma série realizada aqui no INES pela poetisa e jornalista CECÍLIA MEIRELES, sobre a infância desfavorecida no Brasil. Essas reportagens datam de Fevereiro de 1931, publicadas no Jornal Diário de Notícias da antiga capital federal.

Cecília Meirelles

Um sol terrível. Mas o parque com arvores floridas e grandes mangueiras, estende sombras acolhedoras.

E ao fundo, de encontro á montanha esverdeada que vae ascendendo até o céu todo azul, o grande edificio branco apruma todas as suas janellas.

Aqui está neste grande predio da rua das Laranjeiras, construido em 1913-14, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

E na secretaria, logo acima da escada central, o seu actual director nos espera.

Uma Palestra Preliminar

O dr. Armando Lacerda fala pouco. E, além de falar pouco, sente-se que pensa muito no que diz. Por isso, é preciso ter o cuidado de surprehender bem a sua intenção, para se ser o mais exacto possivel.

Tomando posse do cargo a 20 de dezembro passado, o actual director do Instituto de Surdos-Mudos tem dedicado toda a sua actividade ao estudo consciencioso das condições desse estabelecimento e das

possibilidades de sua remodelação.

Desejoso de trabalhar immediatamente, de não se deter em considerações inuteis sobre o passado, teve, no entanto, o dr. Armando Lacerda de empregar a sua atenção pondo em ordem o Instituto, completamente desorganizado, technica e administrativamente, quando lhe entregaram a sua direcção.

E' isso que elle nos está dizendo, com breves palavras, e um tom de gravidade, marcando-lhe o olhar pensativo.

Falamos vagamente sobre o desmando frequente nas repartições. E o dr. Armando Lacerda, apesar de excessivamente discreto, incapaz de qualquer juizo apressado, e muito sereno em todas as suas afirmações, não se pode furtar á confissão de alguma irregularidade que encontrou na casa.

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

MAR/97

69

Através de meia dúzia de indicações succintas, adivinhámos todas as complicações que lhe passam pela memória. Livros de escripturação, inexistentes; ausencia de archivo; ausencia de cadernetas de alumnos, que trabalham nas officinas; contribuições de alumnos contribuintes que não constam no livro-caixa.

E sentimos que o director do Instituto de Surdos-Mudos só é levado a essa confissão synthetica, para nos poder justificar a nomeação de uma comissão de syndicancia que, por sua soliticação, está funcionando no estabelecimento.

O dr. Armando Lacerda deseja, e é um desejo bem intencionado e justissimo, que fique bem esclarecido em que situação veio ter ás suas mãos o Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

Um Estabelecimento que Parece Grande

A confissão termina como um prologo. Ha um certo constrangimento naquella ampla sala presidida pelo retrato de Tobias Leite. Estamos ambos constrangidos: quem falou e quem ouviu. Parece que ao mesmo tempo sentimos a mesma coisa: a tristeza das bellas coisas que deixaram de ser feitas...

E ao mesmo tempo nos levantamos, como para passar do desgosto á esperanza,

mudando de attitude.

Na varanda, o photographo, que já conhece a casa, diz: "E' por aqui..."

E, então, o dr. Armando Lacerda nos diz, devagar, como quem soffre por ver seu ideal limitado:

– "O Instituto de Surdos-Mudos, como vê, occupa sómente a ala esquerda deste predio. Quem passa pela rua, olha para este edificio tão grande e pensa, de certo, que estamos muito bem installados. Mas não é verdade. Aqui funcionan tambem o Juizo de Menores, a Policia de Focos do 1º districto, a commissão Rondon..."

– Mas, continuarão ainda a funcionar?

– Não.

E explica-nos que já officiou ao Ministro da Educação, nesse sentido, e frisa-nos, baixando mais a voz, que o dr. Francisco de Campos tem manifestado a maior bôa vontade pelo Instituto de Surdos-Mudos e que delle espera, realmente, a comprehensão da obra que pretende realizar, e cujo plano já lhe apresentou.

Doze Crianças Vestidas de Azul

E' assim com esse rythmo de quem vae realizar uma obra em que põe toda a sua esperanza, e de quem tem confiança no idealismo verdadeiro dos homens da Revolução, que o dr. Armando Lacerda nos conduz pela ala esquerda do edificio.

Ha uma larga escada, que

vae ao segundo pavimento. Sob essa escada, longos bancos de madeira. E, de um lado para o outro, espreitando curiosas, gesticulando, rindo, encolhendo-se com desconfiança pelos cantos, ou olhando passivamente ao acaso, umas doze crianças vestidas de mescla azul, nos apparecem, com essa estranha physionomia dos que não ouvem e não falam, e que nos dão a impressão de os podermos, de repente, desencantar...

Vamos recebendo instrucções sobre a sua mimica.

Um bate no meio da testa, comunicando-se com o companheiro.

– Está indicando que eu sou o director, diz-nos o dr. Armando Lacerda.

Outro, junta todos os dedos e abre-os depois no ar, imitando uma explosão. Refere-se ao magnésio da photographia. A certeza de que vão ser photographados enche-os de alegria. Endireitam a roupa, abotoam a golla, tomam, mesmo, attitudes de certa importancia, e divertem-se muito com todos esses preparativos.

Pela primeira vez nos encontramos deante de tantos surdos-mudos. Passa-nos pela cabeça um mundo de coisas varias. Todo o mysterio do pensamento daquellas crianças perturba-nos. Lembramos esse milagre das communições entre o nosso espirito e o ambiente. Occorre-nos o velho aphorismo: "Nada existe no pensamento que não tenha

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

MAR/97

70

passado pelos sentidos”...

E, insensivelmente, começamos a falar nas memórias de Helen Keller, surda, muda e cega...

Um Parenthesis

O photographo ficou parado com a tripeça numa das mãos e a mala na outra.

Pensei que estava esperando alguma indicação. Mas não. Elle estava, apenas, admirado. E disse-me assim:

– Como isto está diferente! Eu já vim aqui uma vez, mas não era assim não...

– Como era?

Fez uma cara exquisita, franziu o nariz para o lado, e, meio envergonhado, repetiu-me baixinho, uma por uma, as impressões que já hontem publicámos aqui, do dr. Oliveira Bacellar...

Variedade

O dr. Armando Lacerda vae nos explicando tudo pacientemente, com esse gosto dos estudiosos, fazendo descobertas e tirando conclusões:

– Veja. Temos de tudo, aqui. Este é um typo perfeitamente lombrosiano. O facies mongol a estrutura de anthropoidé. Não se exprime, como os outros... Tem accessos violentos de ira. Não poderá permanecer aqui, porque por elle nada podemos fazer... E’ uma criança imbecil.

Fica-se triste ouvindo falar assim, aos cientistas. Sente-se toda a amargura do irremediavel, daquillo que a

propria sciencia não pode socorrer...

E vejo que é triste, tambem, falar. Porque a voz do director tem uma outra inflexão, como se por detraz della, o pensamento a prolongasse, dizendo: “Por que não se tem mais poder, para arrancar toda esta gente ao mal que as opprime?” Depois, a voz torna a animar-se, e diz: – Mas este, não; este é inteligente. E, é bom menino, e este outro... E aquelle...

Os pequenos cercam-nos, olham-nos dos pés á cabeça, gesticulam entre si, e de vez em quando, batem na testa.

Pelo menos isso eu já entendo: Estão dizendo, ainda, que ali está o director...

Nomes, Edades e Capacidades

– Não se esqueça de que estamos em férias, diz-nos o dr. Armando Lacerda. Por isso, ahi estão só essas crianças. Temos, ao todo, sessenta.

– Pensavamos que a lotação fosse maior.

E recordámos a estatística dos 26 mil e tantos surdos-mudos brasileiros.

– Depois eu lhe explicarei porque não pode ser.

– E como é que estão classificadas estas crianças, de aspectos tão diferentes?

Parece que o director do instituto já contava com a nossa pergunta. Sorriu como quem diz: “Ahi está uma pergunta que eu sabia que

tinha de vir”.

E pondera;

– Encontrei estas crianças em completa promiscuidade. Não possuem fichas individuais. Não passaram por nenhum exame medico. Não foram submettidas a nenhum test. De algumas, nem se conhece a origem. Nem se sabe como se chamam...

Ahi está uma coisa perturbadora: uma criatura humana sem nome, sem indicações sobre a sua vida... E surdo-muda... Não póde haver mais completo mysterio que um destino assim.

Temos a curiosidade de saber como pensam, a respeito de si mesmas, aquellas crianças. E pela relação que liga a personalidade ao nome, perguntamos como se chama, e como se distinguem, naquella comunidade singular. O dr. Armando Lacerda responde com todo o interesse ás nossas perguntas. Muitas, quasi todas as crianças têm nome. Mas, para chamal-as, usa-se uma designação mimica individual.

E diz-nos, fazendo os respectivos gestos:

– Olhe, uma chama-se assim: e applica a mão em concha sobre a orelha. Outro, assim: e bate no queixo com dois dedos. Este, assim: e toca o labio inferior... Dahi a pouco sei o nome de todos. Ensaio para ver se dá certo. E os pequenos me approvam, contentissimos. Começo a gostar de estar ali. Tenho vontade de dizer uma porção de coisas áquellas crianças. Cheguei mesmo a dizer

ESPAÇO VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

MAR/97

71

qualquer coisa. E o dr. Armando Lacerda, observando a minha distração:

– Não se esqueça de que são surdos-mudos...

– Como é que estudam juntas, com essas diferenças de capacidades?

– E' o nosso grande problema. O problema dos tests, da homogeneidade das classes, das fichas. Tudo isso eu lhe direi, depois de percorrermos o estabelecimento...

Officina de Encadernação

Estamos na officina de encadernação.

Houve um tempo em que a gente falava em bibliothecas, precisava de um serviço de encadernação, e logo os amigos recommendavam, com uma responsabilidade tradicional:

– Mande fazer no Instituto de Surdos-Mudos.

Depois, foi-se deixando de ouvir falar nisso.

Pois é nessa officina, dantes tão afamada, que estamos todos, agora, – todos porque as crianças vão atrás de nós, seguindo-nos todos os gestos e todos os movimentos dos labios.

Ha umas machinas velhas. Ha uma então, que, com os seus pés de madeira, parece estar com elephantiasis.

Sobre as mesas, uns cem volumes, talvez. Literatura franceza. Papel amarellecido, folhas desarticuladas. Estão trabalhando umas tres cri-

anças. Completamente absorvidas pelo trabalho.

– Como vê, diz-nos o director do Instituto, lutamos com falta de material. No entanto, esta é uma officina que pôde contribuir muito para o desenvolvimento do Instituto. A anormalidade de um sentido favorece o desenvolvimento dos outros. Os surdos-mudos são bons trabalhadores manuaes. Por isso, no meu plano de remodelação abordo o problema da criação de outras secções profissionais.

E fala-nos do reflorescimento daquela officina, no aproveitamento dos alumnos, nos beneficios resultantes desse trabalho, na compensação das cadernetas que lhes preparam um peculio, durante a sua estadia ali, – e deante de nós se projecta um largo campo de novas conquistas para essas pequenas vidas, convenientemente amparadas.

Ali perto está uma tabella de preços.

Emquanto o lapis vae escrevendo, penso na necessidade urgentissima de organizar o trabalho dos anormaes.

E mais segura se faz a nossa intima confiança na actuação deste director actual do estabelecimento. Pensamos de novo no valor immenso da acção dos jovens, movidos por um ideal grande e serio. Os jovens, mais do que os velhos, têm, neste momento, possibilidades de isenção de compromissos, de interesses antigos, que, em tantas vidas, teceram uma trama que as amarra, compromette e inutiliza. Os homens devem ser aproveitados no instante mais

fecundo do seu idealismo: e esse instante é a juventude. Aliás, bem sabemos que a idade, ás vezes, está em desaccôrdo com as disposições subjectivas. Ha moços de vinte annos com alma encarquilhada, e vidas de mais de sessenta com uma luz de mocidade sem vacillações.

O magnesio explode. As crianças, e alguns officiaes surdo-mudos que trabalham como encadernadores, estremezem levemente. Fico sabendo que a conductibilidade ossea permite aos surdo-mudos uma certa sensação de natureza auditiva. Quanto á acuidade que adquirem os demais sentidos, na ausencia de um delles tambem encontro aqui uma prova curiosa. Quasi todas as crianças procuram mostrar, pela mimica, o mal que lhes causara aos olhos a intensidade da luz do magnesio, percebida por ellas de uma maneira excessiva.

De Passagem

Saindo da officina de encadernação, a primeira coisa que veiu ao nosso encontro foi um cheiro agradavel de comida no fogo.

Atravessámos o refeitório, muito limpo e arrumado, e alcançámos a cozinha, larga e confortavel, onde um fogão enorme, preto e dourado, carregado de grandes panellas fazia logo pensar, menos o ruido, numa locomotiva em actividade.

O cozinheiro recebe-nos sorrindo com um ar que eu, sem querer de modo algum comprometter os seus sen-

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

MAR/97

72

timentos democraticos, classificaria de "majestoso".

Já agora vamos até a despensa, completamente sortida. E ahí, o copeiro me diz:

- As crianças estavam magrinhas! Desde que o doutor veio para cá, têm augmentado de peso. Também, a comida melhorou...

E arregala os olhos, satisfeito... E o dr. Armando Lacerda tem de se resignar a deixar passar a verdade, por muito que a sua modestia se retraia...

Sapataria

De volta, passámos pela sapataria.

Na extremidade da mesa, o chefe está embebido na sua ocupação de pregar solas.

A sapataria do I. N. S. M., fornece o calçado para os asy-lados. Os alumnos-aprendizes trabalham com verdadeiro gosto, nesse officio. O chefe, homem de physionomia agradável, paternal, acostumado áquelle convívio com as crianças, diz, absolutamente convencido:

- Aprendem mais depressa que os "falantes" (falante é quem não é surdo-mudo, pela sua classificação).

Os pequenos vêm o photographo preparar de novo a machina, e põem-se outra vez muito alegres. Um, que estava cozendo sola, puxou os dois barbantes para os lados, apumou-se, deu um geito ao rosto, e ficou esperando...

Os Desenhos de Mauricio Puslitnih

Mauricio Puslitnih é um dos meninos do Instituto.

De olhos vivos, com um sor-



riso inteligente, andou sempre ao nosso lado, durante toda a visita.

Os collegas informaram-me que gostava de desenhar. Deilhe o meu lapis e um papel.

Elle fez rapidamente o que reproduzimos no "cliché": um sapato e uma pessoa comendo, a pedido nosso; uma cabeça de cavallo, espontaneamente.

Ficou meio commovido quando eu lhe fiz sentir que desenhava muito bem. E os collegas olharam-no um tanto triumphantes, como se a habilidade do companheiro tornasse todos elles gloriosos... Oh! a solidariedade humana!...

Salas de Aula que não o Chegam a Ser...

Lá em cima estão as salas de aula. Salas de aula?

Ha coisas graves de affirmar.

Que é do material que vae servir aqui, para os alumnos - para os alumnos de um estabelecimento especializado?!

Continúa a ter razão o dr. Oliveira Bacellar...

O Menino Imbecil

Durante a visita, andaram sempre as crianças de um lado para outro, porque estão em férias, procurando pôr-se em communicação comnosco, mostrando-nos que sabiam distinguir as cores, revelando-nos o sentido da sua mimica,

ou simplesmente brincando, como crianças que são.

Só duas ou tres não se aproximaram. Ficaram encostadas ás paredes, como adormecidas, com os olhos abertos, indifferentes a tudo, ou sorrindo, com um sorriso continuado, inexpressivo, ou antes, com essa expressão torturante das coisas que não se decifram.

Assim deixámos, ao longe, o menino imbecil, de facies mongol e estructura de anthropoide. Assim o deixámos? Não é bem isso: até hoje o nosso pensamento está lá com elle...

O Começo da Entrevista

Agora, que já me mostrou todo o Instituto de Surdos-Mudos, acanhadamente installado naquella pequena ala esquerda, agora que eu já vi, nos poucos alumnos lá internados (os cincoenta restantes foram passar as férias em casa), a heterogeneidade do desenvolvimento, e que já estou familiarizada com certas coisas que só a pratica revela, o dr. Armando Lacerda pôde expor o seu plano de reforma do estabelecimento.

Sentámo-nos, pois, na secretaria.

Elle, segundo o seu costume, começa a falar pesando bem os pensamentos e do-sando bem as palavras.

Eu, segundo o meu costume, ponho-me a ouvir, apurando os ouvidos até o máximo e distendendo a intelligencia para acompanhar a do meu illustre interlocutor.

Creio que não deixei escapar nenhum dos pontos principais do seu plano de reorganização do Instituto.

Por esse extremo cuidado que tive, trouxe materia para uma explanação minuciosa, que será, finalmente, amanhã, publicada na integra.